

# Produção caiu em abril

■ Recuperação da economia, prevista por alguns analistas, só deve acontecer em julho

SANDRA BALBI

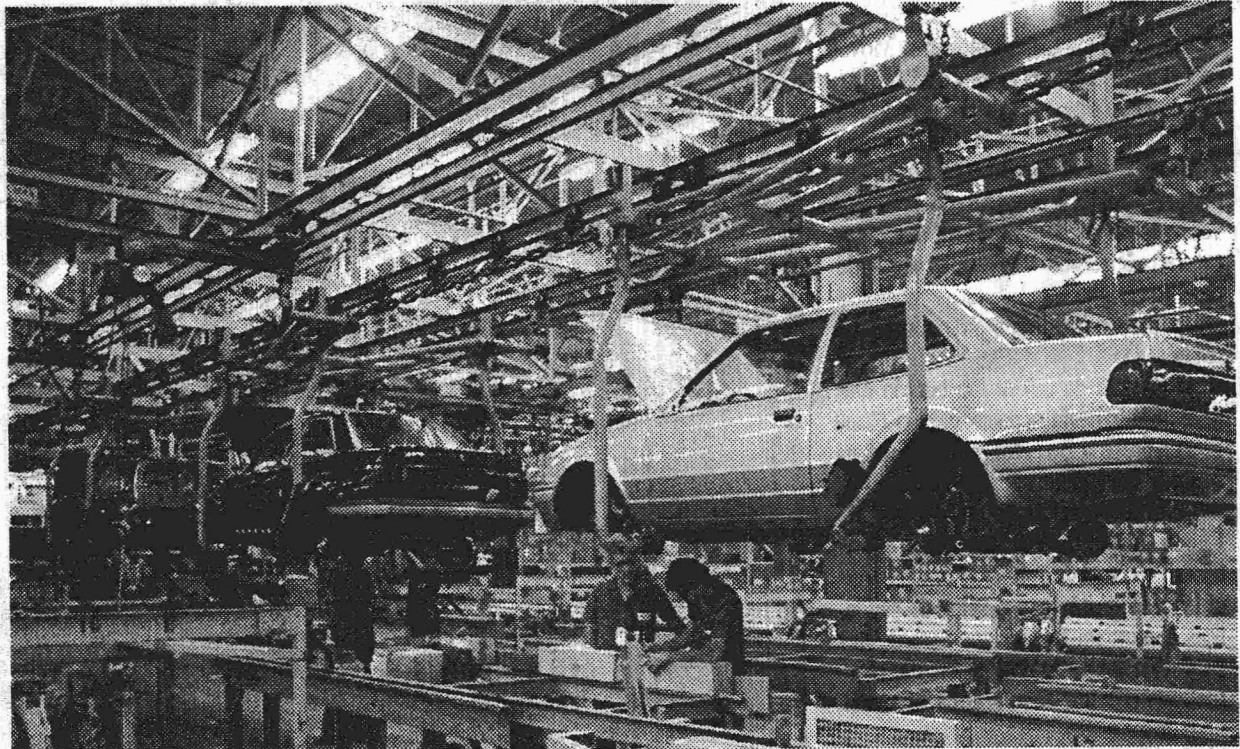
João Carlos Brasil - 21/12/90

SÃO PAULO - Para quem acha que a retração de 1,1% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro trimestre do ano, divulgada semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é o fundo do poço da economia, é bom aguardar os números de abril. Os resultados do trimestre serviram para esfriar os ânimos de analistas mais apressados que viram no crescimento de 9,2% das vendas industriais, em março, apurado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), e de 2,7% na produção industrial (IBGE), um sopro de recuperação.

"Não houve retomada da economia em março. A base de comparação - março de 1997 - é muito ruim", explica Luiz Rabi, chefe do Departamento Econômico do Banco Indústria e Comércio (BIC). "Em abril o quadro não será melhor", diz.

Acontece que a Páscoa caiu em março no ano passado, eliminando dois dias de atividades do calendário da indústria, com uma perda de 8% na produção. Ao se comparar o desempenho industrial de março deste ano com o do ano passado tem-se uma distorção. "O crescimento real não chegaria a 1%", acrescenta o economista. O impacto da redução dos dias úteis sobre a produção industrial vai se repetir em abril deste ano, quando ocorreu o feriado de Páscoa. "É provável que a indústria apresente crescimento negativo em abril", diz Rabi.

**Queda** - Mais significativo que o encolhimento do mês, entretanto, são os primeiros resultados setoriais divulgados e os indicadores de emprego e inadimplência de abril. "Não tem nada que aponte para uma retomada do crescimento", diz Denise de Pasqual, economista da Tendências Consultoria. A produção da indústria automobilística, responsável por cerca de 50% da atividade da indústria paulista, caiu 22,81% em abril, na comparação com o mesmo mês do ano passado, segundo dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "A indústria automobilística deve empurrar para baixo o desempenho da indústria paulista em abril", acredita Denise.



*A queda de 22,81% na produção automobilística em abril deve reduzir o desempenho da indústria paulista*

Outro indicador que aponta para a manutenção da curva descendente da economia é o nível de emprego industrial no Estado de São Paulo, divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Em abril, a queda foi de 0,57%, o que significou a perda de 9.840 postos de trabalho no estado. Para o conjunto do país, a estimativa dos analistas é que a taxa de desemprego fique em torno de 9%, praticamente o mesmo patamar registrado em março pelo IBGE, que foi de 8,9%.

A inadimplência, que em março atingiu 15,5% segundo a Associação Comercial de São Paulo, "deve continuar alta em abril", segundo Denise. "Por enquanto, o único indicador positivo do mês de abril é o faturamento do comércio paulista", acrescenta a economista. Segundo a Federação do Comércio do Estado de São Paulo, as vendas cresceram 5% no mês. "Apesar do índice ser dessazonalizado, está inflado pelas vendas da Páscoa", diz.

A maioria dos analistas não acredita em recuperação da atividade econômica nem mesmo em maio. "As vendas do comércio para o Dia das Mães, pelas sondagens iniciais do varejo, cresceram só 0,5% sobre maio do ano passado",

diz Denise. Por isso, segundo ela, ainda é cedo para falar em reaquecimento da economia. "A tendência é de desaceleração para o segundo trimestre, com estabilidade e volta do crescimento só no segundo semestre do ano", prossegue.

**Recuperação** - Alguns analistas, entretanto, acreditam que os primeiros sinais de dias melhores surgirão logo. Eles virão da indústria automobilística, que projeta um crescimento de 7% na produção para maio. "É um sinal positivo. Mas para desovar essa produção as montadoras estão tendo que subsidiar o consumidor com juros baixíssimos", observa Bernard Appy, assessor econômico do Banco Fator. Ele acredita que o "fundo do poço" ficou para trás, teria sido atingido no primeiro bimestre do ano. A atividade industrial estaria começando sua retomada, que seria sustentada no segundo semestre pelo crescimento dos investimentos. "Em alguns setores onde há demanda reprimida, como o de energia elétrica, e em outros onde a competição é acirrada, como o automobilístico, estão investindo e isso deve animar o segundo semestre", acredita Appy.

No cenário traçado pelo Banco Fator, no segundo trimestre a economia já começará a apresentar sinais de re-

cuperação. "Esperamos um crescimento de 0,5% do PIB no segundo trimestre em relação ao primeiro", diz Appy. No terceiro trimestre a aceleração seria um pouco mais forte, de 1%, e no quarto trimestre, de 2%. "Não acredito, entretanto, em aumento do consumo devido ao desemprego e à inadimplência, que devem continuar altos", acrescenta.

Para Appy, o que vai puxar a economia nos próximos meses serão os investimentos em telecomunicações, eletricidade, construção civil e indústria automobilística. A demanda só deve crescer mais para o fim do ano, segundo Appy, em função das eleições e de uma leve retomada das vendas de bens duráveis.

Segundo cálculos do BIC Banco, os gastos de campanha dos 16 mil a 17 mil candidatos a cargos eletivos em todo o país deverão oscilar entre 0,4% e 0,5% do PIB. "Todo esse dinheiro deve estimular a economia a partir do terceiro trimestre do ano", acredita Rabi. Eles substituirão os gastos com obras públicas, que estão ocorrendo na primeira metade do ano e que impediram uma queda maior do PIB", conclui o economista.